



PAREM DE NOS MATAR: A (DES)CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NAS CRÔNICAS DE CIDINHA DA SILVA

Stop killing us: the (de)construction of masculinity in the chronicles by Cidinha da Silva

Clarice de Mattos Goulart¹

<https://orcid.org/0000-0001-9405-9115> 

Alexandra Santos Pinheiro¹

<https://orcid.org/0000-0001-5295-3039> 

¹Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, Brasil. 79825-070 – ppg.letras.ufgd.edu.br

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a construção da masculinidade em textos de Cidinha da Silva. Partindo da compreensão de que a cronista e contista mineira tece representações literárias de imaginários e práticas correntes em nossa sociedade, esta pesquisa aborda como se dá o desenho dos papéis de gênero exercidos por homens em alguns escritos da artista. Destacam-se, então, as crônicas “Construção” (2011), “Me oriente, rapaz” (2014) e “O homem da meia-noite” (2018), cujas narrativas são fios condutores para uma discussão sobre os modos pelos quais essa masculinidade se mostra nas relações cotidianas, sobretudo aquelas entre pais e filhos. Entre memórias familiares relativas à presença ou à ausência paterna, as personagens masculinas abrem caminho para uma reflexão sobre a virilidade, a força, a violência e a dominação e o imaginário do homem provedor, tais como debatidos por bell hooks (2019; 2022), Rita Segato (2005), Pierre Bourdieu (2012), Henrique Restier da Costa Souza e Rolf Malungo de Souza (2023), assim como Fábio Araújo de Oliveira e Nádia de Jesus Santos (2022).

Palavras-chave: Cidinha da Silva; masculinidade; parentalidade.

Abstract: This article aims to analyze the construction of masculinity in texts by Cidinha da Silva. Based on the understanding that the chronicler and short story writer from Minas Gerais weaves literary representations of imaginaries and current practices in our society, this research addresses how the design of gender roles exercised by men occurs in some of the artist's writings. The chronicles “Construção” (2011), “Me oriente, rapaz” (2014). and “O homem da meia-noite” (2018) stand out presenting narratives which are guiding threads for a discussion on how this masculinity is shown in everyday relationships, especially those between fathers and sons. Among family memories related to the presence or absence of a father, the male characters open the way for a reflection on virility, strength, violence, domination, and the imaginary of the male provider, as discussed by bell hooks (2019; 2022), Rita Segato (2005), Pierre Bourdieu (2012), Henrique Restier da Costa Souza and Rolf Malungo de Souza (2023), as well as Fábio Araújo de Oliveira and Nádia de Jesus Santos (2022).

Keywords: Cidinha da Silva; masculinity; parenthood.

Introdução

Diante da literatura de Cidinha da Silva, o leitor e a leitora raras vezes podem se esquecer de que as imagens ali posicionadas fazem parte da mente criadora de uma escritora atenta ao cotidiano que lhe cerca. A subjetividade e o tratamento literário de paisagens humanas, combinados com sua formação de historiadora, alimentam a escrita dessa autora mineira. Vida e literatura, dores diárias aliviadas pela ironia com que tece as suas imagens-metáforas: a criança, a mulher negra e as dificuldades para sobreviver, o idoso, a fome, a injustiça, o preconceito, a condição de quem está à margem da sociedade, o homem negro, o homem branco e suas masculinidades educadas para a violência, para a opressão, para a valentia e a potência sexual. Violências e aprendizagens inconscientemente (ou não) repetidas no cotidiano redimensionam-se nas páginas literárias de Cidinha, mediadas por uma ironia que representa o vivido, ao mesmo tempo que convida para uma conversão do ódio, do bruto, do não humano.

No presente artigo, voltamos o olhar para a representação da masculinidade em três crônicas: “Construção”, a qual foi publicada em 2008 como parte do livro *Negrafias: literatura e identidade*, e continua a circular no *Oh, margem: reinventa os rios*, do ano 2011; “Me oriente, rapaz”, que está nas coletâneas *Baú de miuzedas, sol e chuva* e *A menina linda*, publicadas em 2014 e 2022; e “O homem da meia-noite”, do livro *Um exu em Nova York*, de 2018. Textos que convidam a pensar nos discursos que constroem o masculino nas relações cotidianas. Textos que acenam para as consequências de uma educação tecida a partir do imaginário de um homem provedor, forte, caçador, (pro)criador, dominador.

Cidinha da Silva sabe quais são as consequências dessa educação na construção dos papéis de gênero: a violência e suas diferentes vestimentas. Do abuso silencioso, velado, ao crime de feminicídio, *#Parem de nos matar* (2019) é um livro inteiro dedicado ao tema do silenciamento e das políticas de extermínio em vigor no Brasil, que se desdobram em análises sobre manifestações de racismo e sexismo em nossa sociedade. Já *Sobrevidentes!* (2016) tece imagens vivas de nosso tempo, de modo que, em uma das crônicas do livro, “Campanha homem de verdade não bate em mulher”, a vida e literatura ganham o olhar analítico da escritora.

A crônica chama a atenção para a campanha realizada pelo Banco Mundial com o slogan “Sou homem de verdade”. Analisando o cartaz que veicula a peça publicitária, Cidinha da Silva destaca os dizeres que dão nome à crônica e, como em muitos de seus textos, se mostra interessada em refletir sobre a circulação do anúncio e as críticas que a campanha recebeu. A primeira se refere à ideia de um “homem de verdade”, que se desmembraria em uma “mulher de verdade”, a qual, por sua vez, estaria atrelada ao doméstico. A segunda estaria na sugestão dos posicionamentos críticos de que a campanha deveria estampar os homens violentos atrás das grades. Cidinha da Silva refuta as duas críticas.

Para o que interessa em nossa análise, recuperamos a segunda refutação. Se os



homens violentos fossem expostos atrás das grades, estes seriam negros, pois, menciona a escritora, eles são a absoluta maioria dos que se encontram no sistema prisional da sociedade brasileira. A escolha de não apresentar imagens de homens negros contribui, portanto, para que sejam lembrados também os homens brancos violentos, aqueles que, muitas vezes, permanecem impunes diante de seus abusos. A crônica se desenrola com a proposta de ter um anúncio como ponto de partida para discutir tensões sociais e, por fim, analisar qual é o imaginário associado à figura de um homem violento. Assim, Cidinha declara: “[...]. A promoção da diversidade passa também pela desconstrução de estigmas” (Silva, 2016, p. 40).

A construção dos papéis de gênero culmina no que a sociedade naturaliza como “os homens de verdade”: certas vezes, homens plurais, mas educados para assumirem uma posição mais elevada na hierarquia social; em outras, homens que matam para preservar o espaço “naturalmente” destinado a eles. Cidinha da Silva, em 2019, grita com o livro *#Parem de nos matar*. No entanto, indiferentes – ou não – ao grito, os corpos de mulheres seguem sendo abatidos. Em 2023, por exemplo, houve, no Brasil, o aumento de 1,6% nas taxas de feminicídios em comparação a 2022 (Azevedo, 2024). O feminicídio, o estupro e a agressão física são as marcas visíveis das consequências de uma educação pautada na rígida divisão da sociedade em papéis de gênero e que tem como lado mais perverso a ideia de dominação. Como sustenta Rita Segato, com seus estudos sobre violência contra a mulher, “os crimes sexuais não são obra de desvios individuais, doentes mentais ou anomalias sociais, mas sim expressões de uma estrutura simbólica profunda que organiza nossos atos e nossas fantasias” (Segato, 2005, p. 270). Para Segato, essa estrutura é a da potência adquirida por meio da despossessão e da subordinação de outras pessoas. Assim, mergulhados em discursos e práticas naturalizadas que perpetuam uma educação para aquilo que Segato chama de *controle e soberania*, nem sempre os sujeitos têm consciência de que sofrem ou praticam violências simbólicas:

[...] sempre vi na dominação masculina, no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, e invisível a suas próprias vítimas, que se exerce puramente pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (Bourdieu, 2012, p. 7).

A violência simbólica, destacada por Bourdieu, está engessada nessas relações de dominação que orientam o imaginário social. São, então, a expressão mais radical e negativa da formação de uma virilidade: “ao homem, seja no que diz respeito à sua construção de gênero e/ou sexualidade, seja no que diz respeito à sua formação corporal” (Oliveira; Santos, 2022, p. 135). Ressaltamos aqui que a virilidade não está sendo tomada como sinônimo de negatividade; deseja-se, sim, perceber como os atributos masculinos foram otimizados, ao longo da história da humanidade, como processos legitimadores de hierarquização. Conforme defende Monteiro (2000, p. 100), neste processo questionador

das categorias está o enfrentamento da “posição tradicionalmente superior do homem, e a naturalidade da heterossexualidade”.

Conduzidas por um olhar interseccional de Cidinha da Silva, buscamos nas crônicas aqui analisadas algumas representações dessas masculinidades. Uma vez que é a literatura quem deve guiar nosso olhar para as veredas teóricas da crítica literária feminista, apresentamos primeiro a síntese das crônicas selecionadas.

Em “Construção”, o enredo é conduzido por um narrador masculino que relembrava cenas de sua infância. A passagem do tempo é dada pela transformação da casa familiar em “eterna obra”. Nesse local, que abriga uma família numerosa, a distribuição do trabalho era dada pelo gênero e pela idade. Crianças-meninos ficavam na parte da construção, aprendendo o ofício com o pai e os amigos que se juntavam para ajudar. As crianças-meninas ficavam na cozinha com as mulheres, preparando o alimento. Nas imagens memorialísticas, algumas aprendizagens se formam: “sexo duvidoso”, “piada machista”, “greve de sexo”, “mulheres coadjuvantes”, dentre outras. Desde as mais sutis coerções de uma masculinidade até a ofensa disfarçada como piada: cenas de uma casa que vai se modernizando com a passagem do tempo, na contramão das relações de gênero que permanecem estagnadas, tal como registra Bourdieu: “[...] sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas [...]” (Bourdieu, 2012, p. 7-8). Uma aprendizagem estabelecida nas práticas comunicativas.

Em outra crônica analisada neste artigo, a sensibilidade está em foco, desta vez como um afeto presente. “Me oriente, rapaz” se prende a uma imagem rápida: a ansiedade de alguém que será pai. O amigo pede conselhos para a paternidade que em breve se somará à sua vida pela terceira vez. Ao refletir sobre o pedido, o texto destaca a importância do pai na formação do caráter de um filho: “é bela e tão humana essa masculinidade construída na relação de espelho entre pai e filho” (Silva, 2014, p. 61). Por último, em “O homem da meia-noite”, uma voz de mulher conduz a crônica. É tarde da noite e, ao descer do ônibus, ela vê um homem parado, tentando acender um cigarro. O pavor quase a paralisa, mas ela decide seguir o caminho. Quando se vê livre de qualquer ameaça, devolve o cumprimento que havia recebido: “Uma noite de bons ventos” (Silva, 2018, p. 18).

A (des)construção da masculinidade nas crônicas de Cidinha da Silva

As três narrativas-crônicas entrelaçadas neste artigo vinculam-se ao intuito de pensar a força discursiva que ainda alimenta uma educação pautada nas construções rígidas de gênero e que se expressam como coerção.

Essas construções ainda são, inconsistentemente, trazidas para dentro dos trabalhos acadêmicos porque o seu resultado é violento. Uma violência que atinge a menina em seu medo de estar em uma rua deserta com um homem, assim como atinge os meninos cujo comportamento pode inseri-los na categoria “sexo duvidoso”. Discursos estes que são parte

do que se conhece como uma masculinidade hegemônica, conforme defendem Fábio Araújo de Oliveira e Nádia de Jesus Santos (2022):

A masculinidade hegemônica é uma idealização que atribui ao homem, em nossa sociedade ocidentalizada, poder, força, coragem, racionalidade, intelectualidade etc., exigindo dele a heterossexualidade, alto poder de consumo e branquitude. Estruturalmente, é a configuração do homem branco, heterossexual e considerado bem-sucedido. Se considerarmos os contextos, entretanto, haverá outras configurações da masculinidade hegemônica, porque os homens podem se identificar apenas com algum(ns) desses traços e mesmo assim exercer algum tipo de poder em seus grupos; é por isso que qualquer análise sobre as masculinidades deve considerar também outras categorias, como classe social, raça, etnia, por exemplo (Oliveira, 2022, p. 139).

Os textos literários de Cidinha da Silva demonstram consciência da importância desse olhar interseccional. O pesquisador e filósofo Eduardo Oliveira ressalta, no posfácio de *Sobreviventes!*, que a escritora mineira oferece em seus livros uma vasta gama de personagens que aparecem nas paisagens cotidianas do Brasil, enfatizando o espírito humano ao transpor seus perfis para a literatura. A observação de Oliveira (2016) pode ser comprovada ao traçarmos um olhar transversal pelos livros publicados pela escritora ao longo dos anos: professoras, leitoras, escritores, mulheres de axé, policiais, jornalistas, comerciantes, vendedores ambulantes, atrizes, cobradores de ônibus, babás, estudantes e militantes, jogadores de futebol, trabalhadoras domésticas, editoras – muitos são os perfis desenhados em suas crônicas. Oliveira, que foi também o orientador de Cidinha da Silva no percurso de seu doutoramento, constata que, nos contos de *Sobreviventes!*, a escritora delineia os contornos da alma humana, tratando-a em sua complexidade e seu dinamismo. Nesse contexto, o prefaciador nota um traço marcante em sua escrita:

um livro de crônicas se notabiliza também pelas personagens que cria ou menciona. E pelas paisagens que recria. Neste, os homens francamente vão mal, mas vão mal demais! Tem exceções, visto que esse é um livro de literatura banta, que vive da complexidade e não tolera simplismo. As mulheres, ah, as mulheres!, infinitamente mais plásticas, mais várias, mais humanas, mais coloridas, mais protagonistas, mais felinas, mais cotidianas, menos retas, mais curvas, mais viventes, mais humanas. Quanto ao mundo heteronormativo, só posso dizer que com as crônicas de Cidinha, ele “pira”! (Oliveira, 2016, p. 130).

A heteronormatividade mencionada no trecho faz alusão ao título de uma das crônicas do livro *Sobreviventes!*, e chama a atenção tanto de Oliveira (2016) quanto de Lívia Natália, também professora da UFBA, que assina o prefácio da edição. Para a Natália (2016), o tom da crônica “A heteronormatividade pira!”, que tem como tema as reações de fatias da sociedade brasileira ao beijo de um casal lésbico em uma novela, é teórico, *militante* e tem em si um fundamental *respeito às diferenças*. Os dois textos, prefácio e posfácio, instigam reflexão, primeiramente, por colocar a escrita de Cidinha da Silva como uma tessitura que parte das infinitas possibilidades de agência humana para, então,

apresentar o seu olhar crítico sobre as relações sociais estabelecidas no Brasil. Além disso, é importante ressaltar, no contexto deste artigo, que, no escopo da crônica em questão, estão as relações de gênero, a vivência da sexualidade, assim como a heteronormatividade, o recalque, a discriminação e a atitude do *macho*.

Cidinha da Silva trata de relações perpetuadas através dos séculos, o que se evidencia quando o público reage negativamente a cada vez que uma novela busca encenar um beijo entre mulheres ou entre homens. Temas como o da crônica destacada em *Sobreviventes!* tornam-se objeto de análise da escritora que tem abordado, sistematicamente, a violência de atitudes consideradas comuns a uma sociedade que, nas palavras de Sueli Carneiro (2023), busca replicar o mesmo e não se abre às diferenças.

A repetição de práticas através dos anos evidencia-se no conto “Construção” desde seu título. Por meio do olhar masculino, o texto literário demonstra como as relações de gênero se solidificam desde a base da estrutura familiar e se ampliam entre as gerações e para além do lar. Como espaço em que se estabelece a narrativa, observa-se a casa. Mais especificamente, a casa da família do narrador. Uma casa que, inicialmente, tem chão de cimento e, com o passar do tempo, acompanha modismos arquitetônicos: do cimento tingido de vermelho para os ladrilhos de cerâmica; da cerâmica para os azulejos estampados; do cimento aos tacos de madeira. Quem faz as mudanças é o pai, que aparece como principal agente das reformas: Não o faz sozinho, no entanto. No trabalho de melhoria da casa, uma obra eterna, “que se estenderia por toda a vida” (Silva, 2011, p. 12), a participação das crianças é indispensável. Assim, o narrador mescla, de um lado, o olhar lúdico do menino que observa seus familiares, e do outro, a labuta diária. Trabalho braçal que não admite preguiça.

A família não é abastada; conta com o suficiente para viver, fazer melhorias no espaço doméstico e poucos luxos, como afirma o narrador quando rememora: “Dinheiro para creme hidratante não se via naquela casa e mesmo passar óleo de cozinha ou banha de porco na pele ressecada era escondido da mãe” (Silva, 2011, p. 14), ou quando narra: “A aquisição de uma enceradeira elétrica modernizou o trabalho de dar brilho à casa. Uma irmã até tirou foto abraçada ao eletrodoméstico” (Silva, 2011, p. 14). Assim, ao mesmo tempo que registra as mudanças pelas quais passa a casa, o narrador traz a imagem do *patrimônio* familiar – algo mostrado duplamente, tanto na aquisição de produtos quanto na participação paterna. Do pai, vem a execução do serviço, assim como as instruções para realizar as etapas das reformas e dos serviços de manutenção. O auge da obra infindável se dá, na narrativa, na construção de mais um andar, que promoveria o crescimento da casa. O momento de assentar a laje é, para o narrador, um dia de festa, que reúne a família e a vizinhança:

Das paredes para a laje, um salto nas alturas e na qualidade da participação dos pequenos. Dia de bater laje era dia de festa. Começava no dia anterior, quando a mãe ia ao supermercado comprar as carnes para a feijoada e deixava tudo imerso em tempero, para pegar gosto. As irmãs catavam quilos e quilos de feijão e arroz, descascavam alho, picavam cebola, cebolinha e

salsa dentro das bacias feitas de lata de goiabada (Silva, 2011, p. 14-15).

A tarefa de relembrar esses eventos, embora se mostre carregada de afeto, não se dá de forma inocente ou desprovida de um olhar crítico: o narrador salienta a separação das tarefas conforme os gêneros das pessoas envolvidas: às mulheres, fica reservado o espaço da cozinha. Aos homens ou “homenzinhos”, caberia a lida com o cimento. E o menino, de olhar atento, que ressignifica as memórias familiares, segue descrevendo:

Pelos andaimes passavam também as vigas de ferro, cimento, os tijolos, tudo aos gritos, que o grito era demonstração exigida de força e macheza. A virilidade alheia era questionada nas mínimas atitudes do sujeito: na careta para erguer peso, nos quixumes sobre a dureza do trabalho, nas paradas para descansar fora dos momentos coletivos de descanso, até no deslocamento da área de serviço dos homens até a cozinha, terreno sagrado do mulherio, ou nas reiteradas escapadelas ao sanitário. Em qualquer dessas situações, o ser do sexo masculino era logo colocado no rol dos de “sexo duvidoso” (Silva, 2011, p. 16).

Mencionando os ideais de masculinidade associados à força e à virilidade, as memórias da infância de um narrador-personagem revisitam o que está cimentado, o que é estrutural, e o que está em processo de enrijecimento. Presente na ideia de *alcançar os céus* no trecho citado, o crescimento vertical da casa pela construção de mais um andar aparece, para nós, na interpretação que expomos neste ensaio, como um espelhamento das relações familiares baseadas em uma hierarquia também vertical, na qual “homem que era macho tinha de rir das piadas machistas, contar vantagens de conquistador” (Silva, 2011, p. 16-17). E os meninos, nesse momento, recebem o nome de *homenzinhos*, sendo expostos, na vivência, a uma série de valores que os tornarão parte de um coletivo na medida em que passem a reproduzi-los em prol de uma aceitação. Apreciamos, nesse sentido, a distinção estabelecida por Oliveira e Santos, que discutem a diferença entre uma masculinidade hegemônica e a masculinidade tóxica:

A masculinidade é tóxica quando os comportamentos tóxicos estão diretamente relacionados ao exercício da masculinidade. Como exemplo, temos principalmente as práticas que envolvem algum tipo de violência: agressão, homicídio, estupro, assédio. Dados estatísticos comprovam isso (IPEA, 2020). Mas há uma série de outros comportamentos tipicamente masculinos considerados tóxicos: ausência de cuidados com a própria saúde, abandono dos filhos, vergonha em manifestar sentimentos (como chorar), rejeição aos gêneros e sexualidades distintos do que ainda é considerado padrão socialmente, sentimento constante de superioridade, competição excessiva etc. Ente a violência tem sido uma característica predominantemente masculina (Oliveira; Santos, 2022, p. 138).

Qual o limiar entre uma definição e outra? Do nosso ponto de vista, a diferença está na coerção e naquilo que Segato (2005) apresenta como dominação. No conto de Cidinha da Silva, observa-se uma masculinidade dita hegemônica, porém, com toques de violência simbólica. Trata-se, como a voz narrativa observa, de um ritual de iniciação: a construção

da casa é também a solidificação dos papéis de gênero das pessoas que ali habitam.

A associação entre os termos *gênero* e *construção* é abundante na literatura dos estudos feministas. No caso da produção de Cidinha da Silva, o tratamento literário dado a essa construção é atravessado por um marcador: trata-se de uma masculinidade negra. Esta posição, para os pesquisadores Henrique Restier da Costa Souza e Rolf Malungo de Souza (2023), exige uma abordagem que se faça na intersecção entre dois campos do saber: o dos estudos das masculinidades – nos quais se sobressaem os nomes de Bourdieu e Connell – e o das relações raciais. Os pesquisadores acentuam que, dada a preponderância do fator gênero nos estudos de masculinidade, tais atravessamentos devem ser marcados por análises empíricas que desessencializem a categoria. É o que a literatura de Cidinha da Silva, a nosso ver, pode oferecer.

Entre generalizações e análises complexas, nas palavras dos autores, a masculinidade pode ser, de modo geral, definida como “uma construção sócio-histórica informada por uma série de valores, princípios, normas, linguagens, comportamentos, sistemas de representação e experiências históricas que definiriam certos elementos identificados socialmente” (Souza; Souza, 2023, p. 222), ou seja, um conjunto de fatores que se somam para estruturar uma conduta e uma série de relações dentro de uma sociedade. De todo modo, para ambos, há um fator preponderante na categorização dessa coletividade heterogênea: a busca por prestígio, ainda que seja no interior de grupos sociais distintos. “A tendência é que os homens busquem legitimidade e reconhecimento, sobretudo entre seus pares” (Souza; Souza, 2023, p. 222), afirmam. No entanto, é possível, também, transgredir as prerrogativas, como sustentam os autores.

Essa transgressão está no olhar do filho que narra a crônica “Construção”, alguém que ressalta a importância de uma virilidade no ambiente partilhado com pais e vizinhos. Ao notar as práticas com um olhar mais distante, o observador se mostra crítico àquilo que, em seu núcleo familiar, era aceito sem contestação. E, ao perceber, ele pode escolher se irá reproduzir ou não essa série de comportamentos. A percepção é o espaço da consciência, uma vez que “A força particular da sociodicéia masculina [...] legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada” (Bourdieu, 2012, p. 33).

Vale ressaltar que há correntes teóricas segundo as quais a percepção das estruturas de gênero não se dá de forma tão estática, mostrando-se sujeita a nuances que se mostram mais ou menos densas em cada conjunto de relações. Para os pesquisadores Connell e Messerschmidt (2013), por exemplo, a masculinidade se realiza como performance, correspondendo àquilo que é esperado em alguns contextos, e, em outros, não. Podemos então argumentar que, se a consciência pode dar a liberdade de escolha, a literatura de Cidinha da Silva também demonstra o quanto podem ser difíceis as relações em sociedade para aqueles que “escolherem” agir de maneira diferente, pois, para “o macho parece evidente que um homem deva ser do modo que ele é. Parece natural ser assim. [...]. E tanto a naturalização do sentido quanto a sua transformação acontecem pela



linguagem, pelo trabalho ideológico da linguagem” (Oliveira; Santos, 2022, p. 144).

O que é relevante, neste estudo, é que o conto de Cidinha da Silva nos permite acompanhar a memória da “eterna” construção da casa familiar. Nesse espaço, associamos a esse longo processo histórico de naturalização dos corpos, dos papéis, dos comportamentos dos seres humanos que, por fim, estão associados aos rituais paternos em que a masculinidade se mostra como demonstração de força ou, em seu lado negativo, de superioridade. A isso se somam as imagens dos brinquedos, das cores e dos espaços permitidos. Processos de uma aprendizagem que culmina nesse homem adulto que rememora suas vivências na narrativa de Cidinha da Silva. Ele rememora com criticidade as cenas, mas talvez, no cotidiano, não encontre forças para agir diferente. Talvez ele, e tantos outros homens conscientes dessa educação, não estejam preparados para entrar “no rol dos de sexo duvidoso”.

O questionamento desses modelos aparece de forma notável nos demais textos literários de Cidinha da Silva selecionados para esta análise, os quais contribuem para propor alternativas a essa masculinidade associada a um ideal de força inabalável e que resvala em atitudes tóxicas. Trata-se de textos que sugerem, em seu lugar, outro tipo de posturas, outras relações.

“Me oriente, rapaz” traz, distanciando-se do ideal de rigidez, uma masculinidade enunciada como *bela*. A voz que narra, que aqui parece ser a da própria cronista, se mostra *comovida* com o amigo que deseja ser pai, recheando o texto de adjetivos de sentido positivo. *Admiráveis* são, em suas palavras, esses homens que buscam se constituir como bons pais: “Tão bonito, isso. Quem tem pai sabe a diferença que ele faz na vida, quem não teve, sabe também. Um pai bom nos dá coluna vertebral, nos ensina a ser algo inteiro, firme pela flexibilidade” (Silva, 2014, p. 61). A metáfora da coluna vertebral, é importante notar, também carrega a imagem de uma estrutura vertical semelhante àquela que destacamos na crônica anterior. Esta, no entanto, é “firme pela flexibilidade”. Não se trata mais do enrijecimento característico de uma estrutura feita de cimento. Contudo, ressaltamos: ainda se trata de uma repetição do que faz o pai, presente na imagem do espelho. Por mais que se diferencie de uma masculinidade tóxica, ainda crônica ainda traz o valor da paternidade como firmeza. E, a essa, se adiciona uma suavização, pela ideia de flexibilidade.

A paternidade presente na crônica “Me oriente, rapaz” é exercida por pais que se colocam como cuidadores, o que nos leva a dialogar com os textos de bell hooks. A teórica estadunidense, autora do famoso ensaio “Parentalidade revolucionária”, de 1984, acentua como é comum – e marcante – a ausência de afeto e ternura na relação entre um pai e seus filhos e filhas.

Para ilustrar o peso que tem uma paternidade calcada na indisponibilidade afetiva, hooks relembra, no livro *A gente é da hora* (2022), sua própria história de vida. Seu pai foi, em sua criação, um homem controlador, agressivo e cujos comportamentos geravam medo. Esse conjunto de atitudes é, para a teórica, aquele prescrito por contextos machistas, os quais formam o que ela chama de “homens patriarcais”. Nesse sentido, bell hooks declara:

“Fomos criados para admirar nosso pai patriarcal, porque ele nos proveu e protegeu (um eufemismo para a sua capacidade de ser violento)” (hooks, 2022, p. 172). Narrando essa história, hooks define a cultura patriarcal como aquela que exige dos homens o aprendizado de um papel que restringe e confina. E, no decorrer do texto, também comenta as transformações pelas quais seu pai passou ao longo da vida: “Agora, aos oitenta e poucos anos, nosso pai fala conosco, expressa seus sentimentos e seu cuidado” (hooks, 2022, p. 173).

A definição de masculinidade patriarcal é exemplificada, então, por seu contraponto. Enquanto seu pai, ao longo da vida, sustentou atitudes que resultaram em distanciamento e na ausência de conexões emocionais, foi apenas na velhice que ele adotou uma postura diferente. Esse outro modo de se relacionar se mostra, então como algo possível, tangível, alcançável:

Durante a terceira idade, meu pai se tornou um cuidador parental importante e amoroso para seus netos e bisnetos, a quem passou a fornecer um cuidado emocional que não deu aos próprios filhos quando éramos crianças. Com a idade, tornou-se mais consciente da importância do vínculo emocional. Ver esse desenvolvimento emocional em um patriarca negro restabelece minha esperança; me faz ver, na prática, que nunca é tarde para pais negros fazerem o trabalho da paternidade amorosa. Papai se transformou ao realizar esse trabalho. Abriu o coração que a masculinidade patriarcal lhe disse que deveria permanecer fechado para sempre (hooks, 2022, p. 173).

O exemplo paterno é utilizado por bell hooks para ilustrar uma paternidade amorosa: “Na prática antipatriarcal da parentalidade, o que é considerado mais importante para qualquer criança é que ela receba amor.” (hooks, 2022, p. 173). É o que ela reconhece na figura de seu avô, cuja ternura, gentileza e criatividade foram marcantes em sua criação:

Calmo, terno, gentil, criativo, um homem de silêncio e paz, ele me ofereceu uma visão de masculinidade negra que ia contra a norma patriarcal. (...) Ele assentou a fundação. Sempre me envolvendo nos diálogos, sempre apoiando minha ânsia por conhecimento e sempre me encorajando a falar o que penso (hooks, 2022, p. 41).

O cuidado parental como *fundação* é a imagem que hooks traz, e merece destaque que um avô se apresente como alguém responsável pela criação de uma menina, apontando para um conceito de parentalidade ampliada.

De forma análoga, Cidinha da Silva traz a parentalidade como cuidado, proteção e orientação de modo que, na imagem daqueles que “plantam um ipê para ver o filho sorrir” (Silva, 2014, p. 61), recupera, mais uma vez, a delicadeza necessária à nutrição emocional das crianças. Há, então, um deslocamento: em lugar da virilidade, da força e da macheza, o ponto de chegada é uma noção de masculinidade recheada de humanidade, dada pelo cuidado. O ipê traz também a imagem longitudinal: seu tronco atinge as alturas como a casa do conto “Construção”. Sua estrutura, contudo, se dobra com os movimentos do vento.

Nas memórias de bell hooks e no texto literário de Cidinha da Silva há, ainda que de

maneira atravessada, a chamada de atenção para a ausência. Quem não teve pai conhece a falta; e aquele ou aquela que cresceu com pais rudes reconhece, na ausência do afeto, uma lacuna a ser preenchida. No Brasil, de acordo com o Instituto brasileiro de direito à família – IBDFAM, apenas no primeiro semestre de 2024, o Brasil já tinha 91 mil crianças registradas sem o nome do genitor (IBDFAM, 2024).

Como defendemos no início deste artigo, a literatura de Cidinha é representação de cenas que marcam muitas vidas. Nesse sentido, “Me oriente, rapaz” faz intertexto com “Se oriente, rapaz”, primeiro verso de uma música de Gilberto Gil. O cantor figura ao lado de outros nomes de homens pretos que compõem o vasto repertório da escritora: Paulinho da Viola, Tim Maia, Emílio Santiago são outros artistas presentes nos textos que homenageiam grandes personalidades do cancioneiro brasileiro. No conto em questão, Cidinha da Silva não esconde sua admiração ao compositor que dá conselhos a um rapaz em formação. E, na singela de sua metáfora literária, faz o apelo “Me oriente” acompanhado de um vocativo bem definido, “pai”.

Em “Campanha homem de verdade não bate em mulher”, a escritora declara que os valores positivos relativos aos homens estão em franca extinção (Silva, 2016). Apesar disso, ela menciona, no mesmo texto, redes de sociabilidade masculinas que considera positivas. Seja no bloco carnavalesco Filhos de Gandhi, seja em torcidas organizadas, o que Cidinha destaca são as reuniões não violentas e que se integram como clãs, comunidades acolhedoras. Assim, sobressaem-se, nesse texto, termos como *compromisso, respeito e responsabilidade*, caros a uma masculinidade cuidadosa.

Em outras palavras, as representações tecidas literariamente por Cidinha acenam para a importância de que sujeitos masculinos sejam educados a partir de valores humanos. Uma orientação que libertaria homens e mulheres dos espaços restritos a eles. No enchimento da laje, é singelo acompanhar o percurso memorialístico do menino: “No dia anterior ao enchimento da laje, o pai providenciava a cerveja e uns refrigerantes no supermercado, tudo marca fundo de quintal. [...]. O pai levava aquelas compras no carrinho do supermercado, todo orgulhoso e eu, menino, fascinado pelo pai provedor, acompanhava as compras e o transporte” (Silva, 2011, p. 15). Mas é pertinente pensar que o “pai provedor” contrasta com o trabalho coadjuvante da mãe, já que “Bater laje era mesmo um ritual de iniciação masculina” (Silva, 2011, p. 17).

Nessa “iniciação masculina”, a experiência vivida pelo pai remonta ao trabalho infantil, à infância subtraída de um menino que tinha nove anos quando aprendeu a ser o “homem provedor”: “Contava orgulhoso que aos 9 anos, quando primeiro assinaram a sua carteira de trabalho, fora como um assentador de tacos na firma de seu Pacífico. Por aí o filho constava a modernidade de certos conceitos. Trabalho infantil, por exemplo, na época do pai não existia” (Silva, 2011, p. 17). As memórias do menino são entrelaçadas por um narrador em terceira pessoa. É ele quem julga que o menino refletiu sobre trabalho infantil. Muito provavelmente, essa é uma constatação que pode ter acompanhado o adulto que rememora. Distante no tempo, ele consegue reconhecer a dura história de seu pai, um

trabalhador de carteira assinada aos 9 anos de idade.

E como a construção de gênero se dá pelas relações com as alteridades, se há uma “iniciação masculina”, pressupõe-se que também exista o espaço em que as meninas aprendem a ser “femininas”. No caso da crônica, este seria a cozinha:

[...], se vingavam no território da cozinha, onde também falavam de sexo. Diferentemente dos homens que contavam vantagens sobre mulheres da rua e santificavam a esposa, as mulheres contavam vantagens sobre os homens de casa. Abordam metragens, práticas e técnicas presentes na relação com o marido, sempre com o cuidado de colocar as virgens ou pretensamente virgens para correr, porque aquilo era assunto de mulher casada (Silva, 2011, p. 17).

Na memória reconectada, percebemos que a diferença nessa iniciação aparece atrelada também aos comportamentos esperados. As vantagens sexuais das mulheres estavam restritas aos seus “homens”. Em cima da laje, meninos e homens partilhavam das aventuras com as “mulheres da rua”. Fazia parte dessa iniciação preparar os filhos para a virilidade, evitar que eles se enquadrasssem no rol de homens de “sexo duvidoso”. Diferentemente, na cozinha, a preparação das meninas para a vida adulta requeria cuidado para preservar “as virgens ou pretendentes virgens”. Nas performances de gênero, a imagem da mulher casta é, então, o complemento daquela do homem viril. Como afirma Rita Segato, pesquisadora que desenvolve o conceito do *mandato de masculinidade*, “para que um sujeito adquira seu *status* masculino, como um título, como um grau, é necessário que outro sujeito não o tenha” (Segato, 2005, p. 272). As meninas são, então, aquelas que, ao serem desprovidas do *status* de caçadoras, seriam a caça. Como complementa Segato, “nós, as mulheres, somos as entregadoras do tributo; eles, os receptores e beneficiários” (Segato, 2005, p. 272).

Esse conjunto de expectativas é também ilustrado por bell hooks no já mencionado ensaio “Reconstruindo a masculinidade negra” (2019). Ainda rememorando sua história, ela relata: “num lar batista patriarcal, ser um garoto significava aprender a ser duro, a mascarar seus sentimentos, a defender seu território e lutar; ser uma garota significava aprender a obedecer, ficar quieta, ser limpa, reconhecer que você não tem território para defender” (hooks, 2019, p. 146). Novamente, hooks ilustra, com memórias de sua infância, as expectativas familiares de que filhos e filhas reproduzam papéis sociais. Chama a atenção, nas duas proposições teóricas, tanto na de hooks quanto na de Segato, o sentido de posse: enquanto as pessoas genderizadas como homens têm um território a defender, àquelas que crescem como mulheres caberia a resignação da despossessão.

bell hooks narra que seu pai demonstrava nutrir uma grande frustração pelo fato de que, em sua família, os papéis de gênero não correspondiam ao esperado por ele no exercício de sua parentalidade patriarcal. A filósofa lembra-se de ser uma criança voluntariosa, enquanto relata que seu irmão era tranquilo e amoroso. No campo da ficção, ao mesmo tempo que Cidinha da Silva encena a existência dessas expectativas no meio social em que se encontram suas personagens, há, no manejo da ironia, uma transgressão

dos papéis. No caso da crônica em análise, as “pretensamente virgens” sabiam ter, às escondidas, as suas “horas impróprias”:

Houve um dia que elas estavam de risinhos na privada e ele colou o ouvido na porta para também participar do segredo. A alegria terminou quando o acontecido chegou à parte da cera, nessa hora a irmã embraveceu. Parece que o namorado foi fazer alguma coisa, que ele não entendeu muito bem, com o dedo dela e, enquanto fazia, reclamou de um gosto esquisito. Era a cera amarela. Danada, escapou da faxina feita nas mãos. A irmã virou uma arara (Silva, s/d).

A versão da crônica publicada no livro *Oh, margem, reinventa os rios!*, utilizada nesta análise, não apresenta esse trecho. O fragmento encontra-se no site Literafro, da UFMG, e não sabemos precisar os motivos de sua exclusão no momento da publicação no formato livro. Entretanto, o trecho merece destaque ao demarcar, com humor, as contradições entre o que se espera das personagens e o que de fato se realiza. No entanto, o processo de consolidação dessas imagens é insistente, persistente. Há dois momentos da crônica que se conectam nesse processo rígido de iniciação dos sujeitos. O primeiro inaugura a narrativa: “No início de tudo, era chão batido” (Silva, 2011, p. 12). Ousamos identificar aqui o intertexto com o livro de Gênesis: “No princípio criou Deus os céus e a terra” (Bíblia, Gn. 1, 1, 1990, p. 15). Assim como o “pai provedor”, a terra aos poucos foi ganhando forma até culminar na criação do homem e da mulher, arquitetada a partir da costela de Adão. Da casa de chão batido à laje, a “eterna” construção foi desenhandando os corpos/espaços/comportamentos dos sujeitos iniciados dentro dela: “Bater laje era uma escola, na qual se aprendia de tudo. A laje bem batida, depois do alicerce confiável, era condição essencial para os andares futuros que subiriam aos céus” (Silva, 2011, p. 17-18).

Uma subida ao céu que remete aos andares a serem edificados em cima da laje, mas que, metaoricamente, pode ser lida como o trabalho bem-sucedido da educação dos meninos e das meninas que acompanham os exemplos e os discursos dos adultos. A última crônica aqui analisada aponta uma das consequências dessa aprendizagem alicerçada. O leitor e a leitora acompanham o medo de uma jovem em uma situação supostamente de perigo: “garagem mal iluminada”, “terreno baldio”, “matagal e árvores”; uma mulher sozinha e “um homem”. Descemos a ladeira com a narradora, desejamos que ela recue, que não se arrisque, porque a equação parece de resultado exato: ela seria atacada.

Seria atacada porque em sua iniciação o homem aprendeu a ser viril, aprendeu que “mulheres da rua” são disponíveis e que o respeito está consagrado à mulher de casa. O medo justifica-se porque ela também foi iniciada para temer a “natureza masculina”. Aprendeu que, na sociedade, ela era a caça: “Respirei fundo e clamei pelo Boca do Mundo no momento exato em que passei pelo homem [...]. Sem olhar para ele mentalizei: Laroíê!” (Silva, 2018, p. 17). Nos saberes religiosos/cosmológicos da tradição afrobrasileira, a narradora encontra a força para a passagem. O boca do mundo é Exu. É a essa legião que ela lança o agradecimento da proteção com o seu “Laroíê”. Por outro lado, o homem parado na rua não manifestou sinal de perigo. O medo que faz evocar Exu é consequência dessa

bem alicerçada iniciação dos princípios que regem a construção de gênero.

Dialogamos mais uma vez com o trabalho publicado por Fábio Araújo Oliveira e Nádia de Jesus Santos para pensar a construção do imaginário que provoca a angústia do medo. Os autores se debruçam sobre uma campanha contra a violência da mulher promovida pelo governo do estado da Bahia. Fábio Araújo Oliveira e Nádia de Jesus Santos destacam alguns comentários feitos na versão da campanha que circulou no youtube; dentre eles estão: “Não existe masculinidade nova ou velha, existe masculinidade e feminilidade. [...]”. Outro comentário indaga: “Quê mente doentia relaciona a violência contra mulher à masculinidade do homem? [...]” (Oliveira; Santos, 2022, p. 135).

O medo da jovem sozinha em uma rua com um homem desconhecido relaciona esses dois fatores. Para além das crônicas, pode-se também cruzar as estatísticas das violências contra as mulheres; uma delas já citada nesta análise, a do feminicídio. A pergunta recuperada pelos autores é respondida nas narrativas de Cidinha da Silva e na vida do lado de fora da literatura. A “mente doentia” é a mesma que acredita que existem papéis estagnados para homens e para mulheres. A mesma que sustenta e se sustenta em discursos religiosos, econômicos, sociais e históricos dedicados ao controle do corpo/desejo/escolha feminina e da liberdade/poder/força do masculino. A literatura de Cidinha da Silva torna visíveis os efeitos dessa aprendizagem inconsciente/naturalizada, permitindo avançar na “ruptura da relação de cumplicidade que as vítimas da dominação simbólica têm com os dominantes” (Bourdieu, 2012, p. 54).

Conclusão

No ensaio “Reconstruindo a masculinidade negra” (2019), bell hooks trata das memórias do lar que dividiu com seu pai, alguém em quem observava uma alternância entre isolamento social e demonstrações de raiva. Muitas vezes, a origem dessa raiva estava na frustração ao se ver incapaz de criar sua prole conforme as expectativas da sociedade – que se tornaram, por espelhamento, as normas às quais o núcleo familiar deveria se enquadrar. A esse comportamento reativo, que gera medo no ambiente doméstico e que no conjunto da obra da escritora é chamado de “masculinidade patriarcal”, hooks propõe, como antítese, o diálogo, o encorajamento, a generosidade.

Para fugir a um conjunto de atitudes prescritas por ideias machistas, é preciso reinventar-se, como sustenta bell hooks e como sugere a literatura de Cidinha da Silva – sobretudo no caso de “Construção”; pois, como discutimos nas páginas anteriores, a crônica “Me oriente, rapaz” enaltece o espelhamento entre pai e filho em lugar de valorizar uma subjetividade diferente da paterna. No entanto, essa é uma tarefa exigente, pois, para desconstruir estruturas rígidas, é imprescindível, primeiro, a percepção; depois, a força de vontade de quem rema contra a maré. Os textos da escritora mineira trazem, como analisamos neste artigo, um olhar amplo sobre como a masculinidade se consolida por meio de uma repetição entre gerações, entre pai e filho, entre família e vizinhança, entre discursos inflamados e piadas breves, de formas brutas ou sutis.

Partindo do ambiente do lar, “Construção” traz o crescimento vertical da casa como metáfora para a educação das crianças tendo como eixo o pai patriarcal. Por outro lado, há também outras possibilidades de exercício da masculinidade, como sugerem os textos analisados nesta pesquisa. “Me oriente, rapaz” encena um pai que admite sua fragilidade. Em uma outra proposta, de viés mais teórico e abrindo mão da construção de personagens, a crônica “Sou homem de verdade” revela uma crítica aos estigmas relativos à violência masculina. A argumentação da cronista, com seu olhar atento, é a de que há comunidades de homens que se baseiam no acolhimento.

Paralelamente, a produção literária de Cidinha da Silva analisada neste artigo tem como eixo fundamental uma desconstrução de estigmas e imagens da violência. Como ressaltamos na introdução a este texto, é notável a argumentação da escritora de que há, na sociedade brasileira, uma resistência a responsabilizar homens brancos por atitudes violentas. A ideia de que a brutalidade não está relacionada a cor ou classe pode ser levantada a partir do texto “O homem da meia-noite”, em que, amedrontada por estar sozinha em uma rua deserta, a personagem se pergunta: e se eu me deparar com um neofascista ou um sertanejo universitário? Ou seja, o incômodo se dirige a uma masculinidade patriarcal. No fim das contas, porém, a presença aterrorizante à distância se revela como a de um encontro amigável.

O imaginário da violência está, assim, atrelado a imagens distintas que contribuem para questionar estereótipos e visões da masculinidade. Nesse sentido, variadas são as figuras de personagens homens presentes nos contos avaliados neste artigo: do pai provedor ao pai presente; do filho que rememora as cenas familiares aos Filhos de Gandhi; do grupo carnavalesco baiano a Gilberto Gil. Com esse recorte, buscamos entrelaçar o olhar interseccional de Cidinha da Silva e o cenário da construção da masculinidade em tempos atuais, apontando também para outras formas possíveis de exercício dos papéis de gênero.

Desconstruir a masculinidade patriarcal é uma tarefa árdua – afinal, a crônica “Construção” retoma a imagem dos primórdios da humanidade, talvez para sugerir que a reprodução desses papéis data de séculos. E a narrativa de “O homem da meia-noite” demonstra que, em dias atuais, muitos são os motivos de temor: as tendências conservadoras se reinventam na perpetuação da imposição do medo e da violência. Aí está a relevância do trabalho de Cidinha da Silva no âmbito desta análise: por meio da literatura – ou seja, do tratamento literário conferido a temas urgentes e dificilmente palatáveis –, a escritora propõe formas de estranhamento das relações. E muitas são as estratégias mobilizadas para a construção desses textos: ora com ironia, ora pelo arrebatamento, ora por meio dos afetos.

Referências

AZEVEDO, Luiz Felipe. Feminicídio: Brasil registra mais de 10 mil casos em nove anos. **O globo**, Rio de Janeiro, 24 jul. 2024. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/03/07/feminicidio-brasil-registra-mais-de-10-mil-casos-em-nove-anos.ghtml>. Acesso em: 5 ago. 2025.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

hooks, bell. Reconstruindo a masculinidade negra. *In:* hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Trad. de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2019, p. 145-181.

hooks, bell. **A gente é da hora**: homens negros e masculinidade. Trad. de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO DE FAMÍLIA (IBDFAM). Brasil já registra mais de 91 mil crianças sem o nome do pai em 2024. **IBDFAM**, 23 jul. 2024. Disponível em: <https://ibdfam.org.br/noticias/12043/Brasil+j%C3%A1+registra+mais+de+91+mil+crian%C3%A7as+sem+o+nome+do+pai+em+2024>. Acesso em: 16 fev. 2025.

MONTEIRO, Marko. **Tenham piedade dos Homens!** Masculinidade em mudança. Juiz de Fora: FEME, 2000.

NATÁLIA, Lívia. Prefácio. *In:* SILVA, Cidinha da. **Sobreviventes!**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016, p. 9-12.

OLIVEIRA, Eduardo. Posfácio. *In:* SILVA, Cidinha da. **Sobreviventes!**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016, p. 99-103.

OLIVEIRA, Fábio Araújo; SANTOS Nádia de Jesus. O Discurso sobre masculinidade tóxica em uma campanha publicitária governamental. **Revista do GELNE**, v. 24, n. 1, p. 136-147, 2022.

PRECIADO, Paul. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. Trad. de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2014.

SEGATO, Rita. Território, soberania e crimes de segundo Estado: a escritura nos corpos das mulheres de Ciudad Juarez. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 265-285, maio-ago. 2005.

SILVA, Cidinha da. Construção. *In:* SILVA, Cidinha da. **Oh, margem! Reinventa os rios!**. São Paulo: Selo povo, 2011, p. 11-18.

SILVA, Cidinha da. Construção. *Literafro UFMG*, s/.d. Disponível em: <https://www.letras.ufmg.br/literafro/24-textos-das-autoras/918-cidinha-da-silva-construcao>. Acesso em: 21 fev. 2025.

SILVA, Cidinha da. Me oriente, rapaz. *In:* SILVA, Cidinha da; **Baú de miuzedas, sol e chuva**. São Paulo: Mazza, 2014, p. 95-96.

SILVA, Cidinha da. Campanha Homem de verdade não bate em mulher. In: SILVA, Cidinha da. **Sobreviventes!**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016, p. 39-40.

SILVA, Cidinha da. "O homem da meia-noite". In: SILVA, Cidinha da. **Um exu em Nova York**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018, p. 17-18.

SOUZA, Henrique R. da Costa; SOUZA, Rolf Malungo de. Masculinidade negra. In: RIOS, Flávia; SANTOS, Mareio André dos; RATTS, Alex. **Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2023, p. 222-225.

NOTAS DE AUTORIA

Alexandra Santos Pinheiro (alexandrapinheiro@ufgd.edu.br) é Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Concluiu pós-doutorado na Universidad de Jaén (2012-2013) e na Universidad de Salamanca (2018-2019). É professora titular da Universidade Federal de Dourados UFGD. Integra o grupo de pesquisa Crítica feminista e Autoria feminina: cultura, memória e identidade – UFGD. Também integrante do GT A mulher na Literatura e é Bolsista de Produtividade em Pesquisa – PQ2.

Clarice de Mattos Goulart (claricemgoulart@gmail.com) concluiu graduação em Produção Editorial pela UFRJ (2012), mestrado em Literatura Brasileira pela UFF (2017) e doutorado em Literatura Comparada pela UFF (2021). Atualmente é pesquisadora de pós-doutorado com bolsa Capes pela UFGD.

Agradecimentos

Deixamos registrados os agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) pelo financiamento (código 001) para a pesquisa que originou este artigo inédito.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

GOULART; Clarice; PINHEIRO, Alexandra Santos. Parem de nos matar: a (des)construção da masculinidade nas crônicas de Cidinha da Silva. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 30, p. 01-18, 2025.

Contribuição de autoria

Alexandra Santos Pinheiro: análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados. Clarice de Mattos Goulart: concepção, coleta de dados e análise de dados, redação, discussão de resultados.

Financiamento

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES): financiamento de bolsa de pós-doutorado (código 001).

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as,



Anuário de Literatura, Florianópolis, v. 30, p. 01-18, 2025.
Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 2175-7917.
DOI <http://doi.org/10.5007/2175-7917.2025.e105534>

não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 28/02/2025

Revisões requeridas em: 05/07/2025

Aprovado em: 06/11/2025

Publicado em: 02/12/2025

